

## **O MAPA NO CENTRO DA ANÁLISE: LER O TERRITÓRIO E INTERPRETAR CRITICAMENTE AS CONTRADIÇÕES DO DISTRITO FEDERAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Kelly Josiane Mota de Souza Prado\*

José Vandério Cirqueira\*\*

A cartografia, segundo Joly (2004, p. 7), é a arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas. Nesse sentido, o mapa é uma ferramenta essencial no ensino de Geografia, especialmente por contribuir para a compreensão das dinâmicas territoriais, das regionalizações e das relações socioespaciais. No entanto, no contexto escolar, é comum encontrarmos dificuldades para trabalhar com mapas, sobretudo em formato impresso, de forma prática e significativa, principalmente quando o foco está no Distrito Federal. Ainda que os recursos digitais estejam cada vez mais presentes no cotidiano dos discentes, o uso de mapas impressos, como os mapas mudos, permanece uma estratégia valiosa para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e da percepção espacial.

Neste trabalho, o uso de mapas mudos não se reduz ao ato mecânico de pintar áreas, como ocorre em práticas tradicionais centradas apenas na coordenação motora. A atividade de coloração é tratada como etapa de um processo de alfabetização cartográfica e de construção do raciocínio geográfico: os estudantes precisam selecionar classes, definir critérios de diferenciação, elaborar legendas, interpretar padrões espaciais, comparar mapas de temas distintos e justificar relações entre variáveis (por exemplo,

---

\* Mestranda do IFB - Instituto Federal de Brasília – Riacho Fundo, professora de Geografia da SEDF. Correio eletrônico: [geografiagem4@gmail.com](mailto:geografiagem4@gmail.com)

\*\* Coordenador do Curso de Geografia do IFB - Instituto Federal de Brasília – Riacho Fundo, Doutor em Geografia pela UNESP. Correio eletrônico: [jose.vanderio@ifb.edu.br](mailto:jose.vanderio@ifb.edu.br)

renda, raça/cor e acesso a áreas verdes). Assim, a aprendizagem ocorre na leitura crítica do território e na argumentação sobre as causas e consequências das desigualdades socioespaciais, e não na reprodução estética do mapa.

Ruy Moreira (2022) reforça essa necessidade ao denunciar que o ensino tradicional de Geografia é marcado por uma abordagem fragmentada, tecnicista e distante das realidades vividas pelos estudantes. Para o autor, é preciso romper com a simples reprodução de discursos oficiais e aproximar o ensino da vida concreta dos sujeitos. Assim, o trabalho com a cartografia na escola deve assumir um compromisso com a formação crítica e emancipada, tornando-se um instrumento de leitura e compreensão do mundo para além das fronteiras do mapa.

A proposta deste trabalho nasceu da vivência em sala de aula e da percepção clara de uma carência de materiais didáticos já sistematizados e adaptados para o uso escolar que permitam aos estudantes interagir mais do que apenas observar mapas prontos em livros didáticos. É necessário que os alunos possam construir, manipular, pintar, traçar e comparar áreas, desenvolvendo suas habilidades cartográficas de forma concreta. Embora existam atlas escolares e mapas distribuídos em algumas obras didáticas, eles não são suficientes para atender à necessidade de práticas recorrentes e adaptadas aos conteúdos trabalhados ao longo do ano.

Diante disso, este trabalho propõe a produção e aplicação de um material didático impresso composto por mapas mudos temáticos do Distrito Federal, acompanhados de atividades práticas e reflexivas, que estimulem a leitura, a análise e a interpretação do espaço vivido pelos alunos. O material didático aqui referido não é apenas um compilado de mapas prontos: trata-se de uma produção didática autoral, organizada a partir de mapas-base e dados oficiais (IPE-DF/CODEPLAN/IBGE), que são adaptados para uso escolar na forma de mapas mudos temáticos e atividades orientadas. A produção final dos mapas e das interpretações é realizada pelos estudantes, que constroem legendas, fazem marcações e estabelecem comparações para chegar às conclusões. A intenção é valorizar a linguagem cartográfica na escola, por meio

de uma abordagem mais participativa e significativa.

### *Metodologia*

A pesquisa será desenvolvida com base no método dialético, por permitir a análise da realidade educacional e espacial em suas tensões, movimentos e contradições.

Para orientar esse processo, será adotada uma abordagem quali-quantitativa, que integrará o mapeamento do território, a elaboração de uma sequência didática e o levantamento de informações provenientes de bases oficiais, como IBGE e CODEPLAN. Essa combinação de procedimentos se insere em uma perspectiva crítico-social, que orientará tanto a leitura das desigualdades presentes no espaço quanto a interpretação das práticas educativas ao longo da investigação.

O estudo contará com uma revisão bibliográfica sobre cartografia escolar e pedagogia histórico-cultural, que dará suporte à criação de materiais paradidáticos, entre eles, mapas mudos temáticos, concebidos como protótipos de uma cartografia voltada ao ensino médio.

Com esses materiais e com os dados socioeconômicos e espaciais do Distrito Federal coletados nas fontes oficiais, será aplicada uma sequência didática a três turmas do 2º ano do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia. Ao longo das oito aulas previstas, os estudantes trabalharão o tema das desigualdades socioespaciais do Distrito Federal em um conjunto de atividades organizadas de maneira integrada.

As produções serão posteriormente comparadas entre si, possibilitando uma análise crítica das diferentes formas de representar e compreender o espaço do DF. A discussão coletiva aprofundará a reflexão sobre contradições territoriais, tensões entre centro e periferia, processos de segregação e lacunas nas políticas públicas.

Na avaliação da aprendizagem, serão retomados e verificados, a partir das produções cartográficas e das justificativas dos estudantes, conceitos

construídos ao longo da sequência, tais como: território; região/regionalização (RAs); desigualdade socioespacial; segregação socioespacial; centro e periferia; correlação espacial entre variáveis (renda, raça/cor e acesso a áreas verdes); qualidade ambiental; sustentabilidade urbana; políticas públicas; e racismo estrutural no espaço. A construção conceitual será observada pela coerência das legendas, pelos critérios de classificação, pela capacidade de comparação entre mapas e pela argumentação apresentada nas respostas às questões e no debate final.

### *Resultados e discussão*

Esta sequência didática apresenta um planejamento pedagógico estruturado, cujos resultados esperados/possíveis são analisados a seguir. O roteiro propõe que os estudantes confeccionem e analisem mapas temáticos que correlacionam indicadores de renda, raça e sustentabilidade ambiental. Por meio de atividades práticas de cartografia e questionários reflexivos, o conteúdo pretende discutir como o planejamento urbano, historicamente, contribuiu para a segregação de diferentes grupos sociais.

À luz da teoria histórico-cultural, a sequência didática compreende o mapa como signo mediador da aprendizagem: ao construir legendas, classificar dados e comparar padrões espaciais, os estudantes operam com ferramentas culturais que reorganizam seu pensamento. A mediação docente, por meio de perguntas orientadoras e discussão coletiva, busca atuar na zona de desenvolvimento proximal, transformando descrições imediatas em explicações e generalizações. Essa dinâmica, a interação social e a linguagem (argumentação oral e escrita sobre os mapas) favorecem a internalização de conceitos geográficos, deslocando a atividade de uma execução técnica para uma compreensão conceitual do território.

A produção manual de mapas, especialmente a partir de mapas-base e mapas mudos, é apresentada como estratégia didática capaz de articular teoria e prática, estimular o protagonismo discente e promover a leitura crítica do território. Neste trabalho, a cartografia manual refere-se à produção e análise

de mapas em suporte impresso, com intervenção direta dos estudantes (classificação de dados, construção de legenda, coloração e marcações interpretativas), como estratégia de leitura crítica do território. Os estudantes vão produzir mapas temáticos a partir de um mapa-base das Regiões Administrativas e de dados oficiais (renda, raça/cor e áreas verdes), definindo classes, construindo legenda e registrando marcações interpretativas. Portanto, não se trata de desenhar o contorno do DF, mas de transformar dados em representação cartográfica e interpretação territorial. Essa prática permite discutir que mapear não é apenas representar, mas interpretar o território, organizar informações e construir narrativas orientadas por escolhas, valores e intencionalidades.

Por fim, a sequência didática enfatiza o potencial da cartografia para enfrentar desigualdades sociais, raciais e de gênero, articulando-se a políticas educacionais como a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e às perspectivas antirracistas e decoloniais. Mapas participativos e temáticos podem tornar visíveis processos históricos de exclusão, desigualdades territoriais, relações entre campo e cidade e dinâmicas socioespaciais invisibilizadas. Assim, a cartografia manual pode configurar-se como metodologia ativa e crítica, com potencial para fortalecer o pensamento geográfico, promover a formação cidadã e transformar o estudante em sujeito ativo na leitura e intervenção sobre o espaço que habita.

### *Considerações finais*

Espera-se que os estudantes construam seus mapas com base em dados pesquisados sobre o Distrito Federal. Esses dados abordam áreas verdes e sustentabilidade urbana, distribuição de renda e porcentagem de população negra, de modo que cada aluno registre suas percepções e compare as diferentes Regiões Administrativas.

A produção colaborativa de mapas, utilizando temas que emergem da realidade dos estudantes, busca provocar uma reflexão mais profunda sobre o espaço vivido. O objetivo central dessa intervenção é garantir que os mapas

sejam empregados de forma intencional e planejada, articulando o cotidiano dos alunos aos conteúdos de Geografia e estimulando a construção de conhecimento a partir de suas próprias experiências. Ao se envolverem com a elaboração e interpretação dos mapas, os estudantes desenvolvem a capacidade de observar fenômenos, identificar relações e reconhecer as desigualdades que atravessam o território. Essas atividades também ampliam a leitura crítica que os alunos fazem do mundo, permitindo que compreendam o espaço não apenas como cenário, mas como resultado de processos históricos, sociais e econômicos. Assim, ao relacionar dados, mapas e vivências pessoais, eles fortalecem sua autonomia intelectual e aprofundam o entendimento sobre as condições que moldam o lugar onde vivem. Esse exercício de análise, ancorado no cotidiano, contribui para formar sujeitos mais conscientes, capazes de interpretar o espaço, questionar injustiças e refletir sobre possíveis caminhos para transformar a realidade.

## Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papyrus, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Ensinar e aprender Geografia: elementos para uma didática crítica*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). *A população negra no Distrito Federal: analisando as regiões administrativas*. Brasília: Codeplan, 2014. Disponível em: <https://ipe.df.gov.br/documentos/d/ipedf/populacao-negra-no-distrito-federal-analisando-as-regioes-administrativas-pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). *Índice de sustentabilidade ambiental urbana do Distrito Federal (ISAU/DF)*.

Brasília: Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal, 2024. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/documentos/d/ipedf/relatorio-1-isau-df>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD)*. Relatório. Brasília: Codeplan, 2021. Disponível em: [https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/PDAD-DF\\_2021.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/PDAD-DF_2021.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Por uma crítica da Geografia escolar oficial: notas ao debate. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; DIAS, Angélica Mara de Lima; CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira (org.). *História da Geografia Escolar: fontes, professores, práticas e instituições*. Curitiba: CRV, 2021.

JOLY, Fernand. *A cartografia*. Campinas: Papirus, 2004.

MARTINELLI, Marcello. *Curso de cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 1991.

MARTINELLI, Marcello. Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social. *Portal da Cartografia*, Londrina, v. 1, n. 1, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>. Acesso em: 25 jun. 2025.

MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina*. São Paulo: Contexto, 2022.

OLIVEIRA, Iara Jane de. A linguagem dos mapas: utilizando a cartografia para comunicar. *Revista Temporis(Ação)*, v. 8, n. 1, p. 37-61, 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/15160>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. Vinte anos da Lei 10.639: quais os desafios para o ensino de Geografia? *Boletim Paulista de Geografia*, v. 1, n. 111, p. 14-37, 2023.

STRAFORINI, Rafael. Dilemas do ensino de Geografia. In: STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.